

TRAVESSIA, VERDADE E CORPO: A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM GIRL MEETS BOY DE ALI SMITH À LUZ DE JUDITH BUTLER

CROSSING, TRUTH AND BODY: THE DECONSTRUCTION OF IDENTITY IN GIRL MEETS BOY BY ALI SMITH IN THE LIGHT OF JUDITH BUTLER

CRUCE, VERDAD Y CUERPO: LA DECONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD EN GIRL MEETS BOY DE ALI SMITH A LA LUZ DE JUDITH BUTLER

 <https://doi.org/10.56238/arev7n6-071>

Data de submissão: 06/05/2025

Data de publicação: 06/06/2025

Lander dos Santos Costa

Formação Acadêmica em Letras – Pós-graduado em Estudos Literários

Universidade Federal de Juiz de Fora – MG

E-mail: lander_educjf@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6967493395287510>

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura crítica do romance *Girl Meets Boy* (2007), de Ali Smith, ancorada na teoria performativa de gênero de Judith Butler e em diálogo com um Foucault e Sedgwick, que tematiza a relação entre verdade, identidade e linguagem. A partir da desconstrução do binarismo sexual e da crítica à normatividade imposta pelos regimes de nomeação, analisamos como a narrativa de Smith se torna travessia — fresta por onde a essência pode respirar. Ao articular corpo, silêncio e memória, o texto propõe uma reconfiguração ética do sujeito, orientada não pela coerência normativa, mas pela liberdade de ser.

Palavras-chave: Performatividade. Identidade Queer. Linguagem e Silêncio.

ABSTRACT

This article proposes a critical reading of Ali Smith's novel *Girl Meets Boy* (2007), anchored in Judith Butler's performative gender theory and in dialogue with Foucault and Sedgwick, which addresses the relationship between truth, identity and language. Based on the deconstruction of sexual binarism and the critique of the normativity imposed by naming regimes, we analyze how Smith's narrative becomes a crossing — a gap through which the essence can breathe. By articulating body, silence and memory, the text proposes an ethical reconfiguration of the subject, guided not by normative coherence, but by the freedom to be.

Keywords: Performativity. Queer Identity. Language and Silence.

RESUMEN

Este artículo propone una lectura crítica de la novela de Ali Smith, *Girl Meets Boy* (2007), basada en la teoría performativa de género de Judith Butler y en diálogo con Foucault y Sedgwick, que aborda la relación entre verdad, identidad y lenguaje. A partir de la deconstrucción del binarismo sexual y la crítica de la normatividad impuesta por los regímenes de nomenclatura, analizamos cómo la narrativa de Smith se convierte en un cruce, una brecha por la que la esencia puede respirar. Al articular cuerpo, silencio y memoria, el texto propone una reconfiguración ética del sujeto, guiada no por la coherencia normativa, sino por la libertad de ser.

Palabras clave: Performatividad. Identidad queer. Lenguaje y silencio.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A FICCÃO COMO FRESTA

Ali Smith, em *Girl Meets Boy*, revisita o mito de Iphis narrado por Ovídio, em *Metamorfose*, para produzir uma narrativa contemporânea sobre identidade, gênero e amor. Nesse processo, mais do que recontar um mito ancestral, a autora o ressignifica à luz das urgências do presente e insere seus personagens em uma arquitetura narrativa que desafia as formas hegemônicas do ser e interroga as estruturas invisíveis das verdades encenadas sobre o corpo e o desejo. A composição do romance se configura como abertura simbólica, um espaço que rompe com o tempo linear e desestabiliza a lógica da fixação identitária.

Nesse contexto, propomos uma leitura que entrelaça a teoria de Judith Butler — sobretudo as ideias desenvolvidas em *Gender Trouble* (1990) e *Undoing Gender* (2004) — para pensar o passado como percurso, a nudez como gesto de verdade e o nomear como ato de risco: um corte simbólico que busca capturar aquilo que, por essência, escapa. Esse diálogo teórico permite compreender *Girl Meets Boy* como convite à reintegração do sujeito, um retorno à origem não como ponto imóvel, mas como abertura ao que sempre esteve latente: a multiplicidade da experiência humana. Neste gesto analítico, articulamos também contribuições de Michel Foucault e Eve Kosofsky Sedgwick, cujos pensamentos sobre poder, linguagem e desejo complementam a travessia crítica aqui proposta.

Para compreender como essa poética se manifesta de forma concreta, é necessário retornar à tessitura narrativa da obra e às trajetórias que nela se entrelaçam. O mito, nesse contexto, atua como instrumento de ruptura e reimaginação. Smith escreve com a precisão de quem reconhece que cada palavra pode ser casa ou cárcere, e sua prosa ressoa como um canto contra o apagamento das existências dissidentes. A temporalidade do romance desvia da cronologia linear e se submete ao fluxo da memória e da sensibilidade, permitindo que as personagens se construam não como identidades fixas, mas como presenças transitórias. O mito de Iphis, assim, é menos origem do que dobra narrativa — tensão poética que projeta o presente para além de seus contornos normativos, desafiando a linguagem e abrindo espaço para modos de vida que resistem à codificação binária. Nesse ponto de confluência entre o passado mitológico e o desejo por vir, a obra de Smith se inscreve como rasgo simbólico por onde se vislumbra a possibilidade de respirar o inominável.

Girl Meets Boy acompanha a trajetória de duas irmãs, Anthea e Imogen (Midge), habitantes da cidade escocesa de Inverness, imersas nas contradições do mundo corporativo, da publicidade e das normas que regulam tanto o corpo quanto o afeto. Quando Anthea conhece Robin — artista e ativista cuja identidade de gênero permanece deliberadamente fluida — a narrativa se desloca para além dos

códigos heteronormativos e adentra a experiência de um amor que se recusa a ser classificado. Nesse encontro, o texto de Ali Smith se afasta das categorias fixas do romance tradicional e aproxima-se de uma escrita movida por ética e insurgência: uma linguagem que menos representa e mais perturba. O mito de Iphis, entrelaçado à experiência das personagens contemporâneas, funciona simultaneamente como espelho e fratura — refletindo o presente em suas brechas e convocando a literatura a responder às urgências do agora. Ao mobilizar um relato ancestral para pensar identidades em fluxo, desejos não conformes e resistência ao regime imagético do capital, Smith inscreve sua obra na poética da contemporaneidade, marcada pela recusa dos dualismos rígidos, pela escuta dos limiares e pela celebração da diferença como condição legítima de existência.

2 METODOLOGIA

A metodologia assenta em uma abordagem interpretativa, guiada por vozes como Butler, Foucault e Sedgwick, em diálogo com o entrelaçamento sensível entre corpo, linguagem e memória. A literatura é aqui trilha e travessia — método e matéria — onde a teoria não impõe formas, mas escuta os contornos do indizível que vibram na experiência queer. Butler argumenta que

O gênero não é algo que se é, é algo que se faz, um ato... um ‘fazer’ em vez de um ‘ser’. O efeito do gênero é produzido pela estilização do corpo e, portanto, deve ser entendido como a maneira mundana em que gestos corporais, movimentos e encenações de gênero são repetidos, sedimentados e naturalizados. Isso sugere que o gênero é performativo: ele é real apenas na medida em que é performado. (Butler, 1990, p. 25. Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade)

O objetivo é percorrer as frestas abertas por *Girl Meets Boy*, conduzindo uma leitura que urde literatura e teoria para escutar o sussurro do ser que resiste à cristalização. O texto busca compreender como a narrativa se desfaz das armaduras identitárias e abre um espaço ético onde corpo, desejo e linguagem possam simplesmente respirar — livres, múltiplos, inteiros.

Essa abordagem interpretativa ancora-se nos fundamentos da crítica literária queer, compreendendo o texto como território de tensão entre norma e subversão, visibilidade e silêncio. A leitura aqui proposta opera não como decodificação, mas como escuta — “um modo de ler que se deixa afetar” (Sedgwick, 1990, p. 3), capaz de acolher o não dito e o não nomeado. Guiada pelas contribuições de Judith Butler, parte-se do princípio de que o gênero é “um ato performativo que produz o que nomeia” (Butler, 1990, p. 25), e que, portanto, o texto literário, ao articular corpo e linguagem, também age no mundo, reconfigurando formas de ser. Essa performatividade, contudo, é instável, pois “não há um ‘eu’ anterior ao discurso” (Butler, 2004, p. 3), o que reforça a leitura da identidade como efeito, não origem. Com Foucault, compreendemos que o discurso literário está

inserido em redes de saber e poder, pois “não se trata de libertar a verdade, mas de libertar-se do regime de verdade” (Foucault, 1977, p. 13).

O texto torna-se, assim, campo de disputa entre o corpo que se diz e as estruturas que tentam silenciá-lo. A metodologia, portanto, se estrutura como uma travessia teórico-literária, na qual a narrativa de *Girl Meets Boy* é lida como performance que tensiona o binarismo e revela “o armário” — que, como afirma Sedgwick, “é a estrutura definidora da opressão gay neste século” (Sedgwick, 1990, p. 71). A análise caminha lado a lado com as margens, atenta ao que escapa, sussurra ou resiste, recusando o modelo interpretativo fechado e afirmindo a leitura como gesto ético que acolhe a pluralidade e o inacabado.

3 RESULTADOS

3.1 FRESTAS DE RESISTÊNCIA: A POÉTICA QUEER NA RECONFIGURAÇÃO DO GÊNERO E DO DESEJO

A análise de *Girl Meets Boy* revela que Ali Smith reconstrói o mito de Iphis não apenas como uma reiteração ancestral, mas como uma plataforma de insurgência estética e política que desvela as tensões subjacentes às noções contemporâneas de identidade, corpo e desejo. O entrelaçamento da narrativa com a teoria queer, em especial os conceitos de performatividade de gênero de Judith Butler, as redes de poder foucaultianas e a epistemologia afetiva de Eve Kosofsky Sedgwick, permite apreender a obra como uma fenda aberta nas estruturas fixas da normatividade.

A performatividade, tal como Butler a propõe em *Gender Trouble*, manifesta-se no romance através da desconstrução das identidades como categorias estáveis e intransponíveis. A figura de Robin, cuja identidade de gênero permanece indeterminada, atua como símbolo e agente dessa fluidez, desestabilizando os discursos hegemônicos e abrindo espaço para modos de ser que transcendem as dicotomias clássicas. A narrativa se constitui, assim, numa coreografia do corpo que recusa a cristalização do eu, e promove um movimento contínuo de reinvenção, fazendo do corpo e do desejo uma arena de resistência e criação.

Por sua vez, a abordagem foucaultiana sobre poder e saber contribui para revelar as microfísicas do poder que se inscrevem nas relações sociais e nos regimes de verdade que regulam o corpo e a sexualidade. Smith articula essa perspectiva para desmontar as imposições do capitalismo contemporâneo, especialmente evidenciadas no ambiente corporativo e na cultura da imagem que circundam as protagonistas. A não linearidade temporal do romance possibilita uma arqueologia da memória e da subjetividade queer, onde passado e presente se entrelaçam em uma dialética dinâmica que desafia a fixidez histórica.

A ética da escuta e da ambiguidade que Sedgwick propõe encontra eco na poética de Smith, que privilegia o indizível e o marginal como espaços de habitação do ser. O romance emerge como um gesto político e literário que problematiza as fronteiras entre o eu e o outro, entre norma e diferença, configurando-se como convite à reintegração plural do sujeito no mundo. A multiplicidade e a abertura como formas de habitar o corpo e a linguagem deslocam a obra do cânone tradicional e a inscrevem na contemporaneidade como obra de resistência e transformação.

Em síntese, *Girl Meets Boy* torna-se, sob esta leitura, uma fresta literária que desestabiliza as categorias identitárias, propondo uma ética da alteridade e da liberdade. A obra de Ali Smith, assim, amplia os horizontes da teoria queer e oferece uma contribuição valiosa para os debates contemporâneos sobre gênero, desejo e poética da subjetividade.

4 DISCUSSÃO

4.1 PERFORMATIVIDADE E NOMEAÇÃO: QUEM SOMOS QUANDO NOS NOMEIAM?

Para Butler, o gênero não emerge como expressão autêntica de um ser essencial, mas escreve-se no corpo à semelhança de um ritual iterado, ditado por vozes normativas que, de modo quase inaudível, traçam os limites do que se reconhece como masculino ou feminino. O que entendemos por "homem" ou "mulher" não é, pois, uma verdade originária, mas antes o efeito de uma encenação reiterada, sustentada ao longo do tempo por regimes de verdade que moldam o corpo e o ser.

Michel Foucault, ao iluminar as engrenagens sutis do poder que moldam corpos e atravessam desejos em *História da Sexualidade*, revela como a sexualidade é menos uma essência a ser descoberta do que uma construção regulada por discursos e instituições. Judith Butler, em *Undoing Gender*, caminha por esse mesmo fio cortante, desdobrando a identidade de gênero como um ato reiterativo, uma performance que nunca se completa, sempre sujeita à reconfiguração. Nesse entrelaçamento teórico, emerge um vaivém tensionado entre o ser e o parecer, onde o corpo não é apenas um lugar de inscrição do poder, mas também um campo fértil de resistência. Assim, a sexualidade, longe de um dado natural, torna-se uma mise-en-scène política — uma travessia entre o que se impõe e o que escapa, entre o discurso que prende e o gesto que subverte.

Na penumbra reveladora desta perspectiva, torna-se particularmente sugestiva a narrativa mítica que afirma que a mulher foi retirada do homem — não como apêndice ou reflexo, mas como desdobramento de uma mesma carne primordial. Ambos, homem e mulher, partilhariam, assim, uma origem indistinta, uma unidade corpórea anterior a qualquer divisão. A separação dos corpos seria, então, também ela uma performance do discurso, uma ficção ontológica reiterada pelo tempo.

Segundo esta cadência de ideias, se o gênero é ato e não essência, também a cisão entre masculino e feminino pode ser lida como gesto repetido, como narrativa normatizante que esconde, sob o véu da naturalidade, a mutabilidade silenciosa de um ser que, antes de ser nomeado, era apenas corpo em comum, matéria una — anterior à palavra, anterior à ferida da nomeação. Propomos, assim, em convergência com Butler que dar nome pode ser um risco. Quando se nomeia, imprime-se na alma do mundo — sobretudo na profundidade de quem carrega, em silêncio, o fardo do nome que lhe fora imposto.

A nomeação, nesse sentido, é uma violência simbólica que fixa o sujeito em uma identidade que não necessariamente lhe pertence. Em *Girl Meets Boy*, a personagem Anthea encontra em Robin a possibilidade de romper essa cadeia: Robin, cuja identidade de gênero nunca é explicitamente fixada, encarna a recusa da normatividade binária e propõe uma forma de ser que é, antes de tudo, *vivência ética do desejo* — um modo de habitar o desejo em que a autenticidade do ser se encontra com a reciprocidade e o cuidado pelo outro. Essa recusa, no entanto, não está fora do campo das normas, mas nasce dentro dele como força de resistência. Como afirma Foucault: “Onde houver poder, haverá resistência e, ainda assim — ou antes, justamente por isso — a resistência não se situa fora do domínio do poder.” (FOUCAULT, 1998, p.95). Assim, Robin não representa um ideal utópico fora do sistema, mas uma interrupção viva e poética no interior da linguagem e das estruturas que tentam fixar o ser.

Robin existe como o sussurro entre as frestas da linguagem: é a nudez mítica do Éden que não se envergonha, a presença que escapa ao olho disciplinador da cultura. A relação entre Anthea e Robin se estabelece como uma travessia, uma jornada de desconstrução do que se foi ensinado a crer ser verdadeiro sobre o corpo, o amor, o gênero.

Tal como Robin, em *Girl Meets Boy*, muitas existências queer resistem à fixação identitária justamente por saberem que a visibilidade nem sempre é sinônimo de liberdade. Como afirma Eve Kosofsky Sedgwick: “O armário é a estrutura definidora da opressão gay neste século” (1990, p. 71). O armário, enquanto estrutura simbólica, não representa apenas a ocultação, mas a imposição de um regime binário que exige que o sujeito se revele — ou seja silenciado. Confrontados com tal evidência, sugerimos que certas emoções nascem mudas e permanecem assim, guardadas entre as frestas da memória.

Eve Kosofsky Sedgwick, em sua leitura pioneira sobre a sexualidade e o poder, revela como o “armário” não é apenas metáfora de ocultação, mas estrutura epistêmica que governa as formas de saber e ser no mundo. Em *Epistemology of the Closet* (1990), a autora demonstra que o silêncio não é ausência de discurso, mas uma linguagem própria — uma gramática da dissimulação forçada que regula a inteligibilidade do desejo. O sujeito queer, então, vive sob a constante coação da nomeação:

entre a pressão de revelar-se e o risco da exclusão. Sedgwick argumenta que a identidade não é um dado fixo, mas uma oscilação contínua entre visibilidade e apagamento, presença e recusa, verdade e performance. Nesse jogo de revelações e silêncios, o armário se torna o palco tenso onde se desenrola a experiência queer — não como falha, mas como forma complexa de resistência e sobrevivência.

Em consonância com essa ideia, *Girl Meets Boy* constrói seus personagens como seres em processo, afetados por histórias familiares, traumas e imposições normativas, mas também como sujeitos que podem ressignificar seus próprios corpos e afetos. O silêncio que perpassa a narrativa — metáfora para a liberdade de Robin em não ser definida de maneira fixa — não é ausência, mas potencial de escuta: escutar o que foi silenciado, permitir que o que foi encoberto possa, enfim, florescer.

Judith Butler afirma que a norma de gênero se sustenta através da coerência entre sexo, gênero e desejo. O que foge dessa coerência é marcado como abjeto. Contudo, é justamente o abjeto que *Girl Meets Boy* valoriza: o amor queer, a transgressão de normas, o corpo que não cabe em definições. Quanta vida cintila por essas frestas! E o convite, silencioso, mas ardente, é: deixemo-la florescer onde há luz e desejo!

Essa imagem de vida que cintila pelas frestas é central na leitura de *Girl Meets Boy* como obra pós-identitária. A narrativa não busca substituir um regime de verdade por outro, mas permitir que o sujeito habite em si, sem mudar sua moradia para as regiões sombrias das convenções — inclusive em suas fraturas. O corpo queer, como o de Robin, não busca se justificar, mas simplesmente ser. É o retorno ao “eu sou o que sou”, não como slogan de identidade, mas como gesto de emancipação do ser.

Esse gesto está em profunda consonância com o que Butler chama de “desfazer o gênero” (*undoing gender*), ou seja, abrir espaço para formas de vida que escapem da lógica heteronormativa e reconheçam a dignidade daqueles cujas existências foram historicamente silenciadas.

Girl Meets Boy é mais do que um romance queer. É uma proposta ética. Ao entrelaçar o mito, a crítica social e a poética do corpo, Ali Smith produz uma narrativa que realiza o que o pretendemos finalizar, dizendo:

“Encontrá-la [a verdade] é desvencilhar-se dos nomes que não nos pertencem, abandonar as máscaras que o mundo nos vestiu. Coragem de reintegrar-se à essência pura que pulsa nas frestas da alma.”

A coragem dos personagens de Smith está em recusar a vergonha e reencontrar a nudez primeira — não como vulnerabilidade, mas como verdade. Essa nudez, que não se envergonha, é a travessia de um passado que não prende, mas que ilumina o presente com o brilho de uma liberdade reencontrada.

A leitura crítica de *Girl Meets Boy* aqui desenvolvida revela tanto as nuances de uma narrativa queer engajada quanto a desconstrução dos paradigmas identitários. Em tempos marcados por uma crescente visibilidade das diversidades, mas também por regimes normativos e excludentes, a abordagem performativa e pós-identitária de Ali Smith — ancorada em Butler, Foucault e Sedgwick — oferece uma perspectiva que ultrapassa dualismos e fixações. Convida-nos a reconhecer a multiplicidade e a resistência silenciosa que habitam os interstícios da linguagem que nomeia e do corpo nomeado.

Essa proposta importa à contemporaneidade porque questiona a rigidez das categorias identitárias que inúmeras vezes se tornam prisões simbólicas, e propõe, em seu lugar, uma ética da reintegração do sujeito consigo mesmo, sem a obrigação de se conformar a coerências normativas e celebrar a nudez do existir como ato político. Dessa forma, essa abordagem não interessa apenas aos estudos literários ou queer, mas ecoa nas práxis social, política e cultural contemporâneas, onde a reinvenção do sujeito e a subversão dos regimes de verdade são usados para construção de mundos plurais. No coração dessa reflexão pulsa a esperança, tênue e potente, de que a liberdade do ser, expressa nas frestas entre o ser e o parecer, pode efetivamente transformar a experiência humana, ampliando os limites do possível para além do que nos foi historicamente imposto.

5 CONCLUSÃO

5.1 FRESTAS DE VERDADE: HABITAR O INDIZÍVEL COMO GESTO DE LIBERDADE

Ao final desta travessia analítica por *Girl Meets Boy*, é possível afirmar que Ali Smith constrói mais do que uma narrativa literária: ela tece uma poética do desvio, um espaço onde os corpos podem enfim descansar de suas máscaras e os nomes podem desapertar a carne. Seu romance não apenas reconta o mito de Iphis, mas o desdobra — com sutileza e vigor — como metáfora viva da condição pós-identitária que habita o presente. Ao lado de Butler, Foucault e Sedgwick, Smith convoca o leitor a romper com o pacto da coerência normativa e a escutar, nas margens da linguagem, a pulsão do que insiste em viver sem ser fixado.

A obra evidencia que o corpo, quando liberto das engrenagens do discurso regulador, pode se tornar solo fértil para uma ética do desejo que não teme o outro — mas o acolhe como extensão de si. Nessa lógica, performar não é dissimular, mas criar: encenar possibilidades de ser, respirar em novos ritmos, redesenhar os contornos do que se pode viver. Robin, como figura-límite e imagem da alteridade, encarna essa ideia: a de uma existência que não se justifica, não se revela em moldes pré-fabricados, mas que simplesmente é — e, por isso, transforma.

A literatura, aqui, não é ilustração da teoria, mas sua interlocutora. É o espaço onde o pensamento ganha carne, onde a teoria encontra corpo e silêncio, e onde o gesto de dizer é também o gesto de desobedecer. Nesse entrelaçamento, *Girl Meets Boy* resiste ao fechamento, recusa-se a oferecer respostas absolutas, e se firma como narrativa aberta, onde o leitor é chamado a continuar a escuta — nas entrelinhas, nos silêncios, nas brechas que a linguagem deixa ao redor do ser.

A proposta ético-política da obra — e, por extensão, desta análise — não reside em impor novas formas de verdade, mas em alargar o campo do possível. Ao permitir que o sujeito reencontre sua nudez original, não como retorno a uma essência perdida, mas como reinvenção contínua do existir, Smith oferece ao mundo uma literatura que cura: não por fechar feridas, mas por nomeá-las com delicadeza. A fresta, afinal, não é fenda por onde se escapa, mas passagem por onde se nasce.

Habitar essa fresta, com coragem e escuta, é talvez o que nos resta — e, quem sabe, o que nos salva.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana Maria, alicerço primeiro e perpétuo da minha existência, dedico estas linhas com a mais profunda reverência e ternura. Sua presença foi, e permanece sendo, a luz serena que orienta meus passos, mesmo nos dias mais sombrios do pensamento e da pesquisa.

Foi no calor do seu colo, mais do que nos livros ou nos laboratórios, que aprendi as primeiras lições de paciência, curiosidade e entrega — virtudes sem as quais nenhuma ciência floresce. Seu amor incondicional, seu silêncio eloquente diante das minhas ausências e seu incansável zelo por cada um dos meus sonhos foram os verdadeiros catalisadores deste trabalho.

Se esta obra representa alguma contribuição ao conhecimento, ela também é, em essência, um reflexo da sua generosidade imensurável e da sua fé inabalável no valor do estudo e do bem.

Com gratidão eterna e amor imenso, ofereço-lhe estas páginas como quem devolve, com humildade, uma pequena parte do que nunca poderá ser pago.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *The history of sexuality: volume I – an introduction*. London: Penguin Books, 1998.
- OVÍDIO. *Metamorfozes*. Tradução de António Feliciano de Castilho. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contra-sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- SMITH, Ali. *Girl meets boy*. Edinburgh: Canongate Books, 2007.